



Manejo agrobiodiverso em restauração florestal: uma experiência de agricultoras/es agroecológicas/os no Assentamento Oziel Alves III, Planaltina-DF

ASSIS, Juliana Ferreira de; MOURÃO, Francisco Delano Melo.
tsiredj@gmail.com; delanof@gmail.com.

Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias

Apresentação

Francisco Delano Melo Mourão.

Juliana Ferreira de Assis.

Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (Aprospera).

O presente relato busca registrar e descrever atividades vinculadas a processos de desenvolvimento comunitário associados a processos produtivos próprios da transição e da reafirmação da Agroecologia frente a novos desafios e oportunidades, dentro da realidade específica em que se encontra a Comunidade em questão. Incluem-se questões como o incremento da renda familiar, a reprodução de serviços e recursos naturais (como biodiversidade, solo e água preservados) e a apropriação, pelas famílias agricultoras, de conhecimentos, teóricos e práticos, aplicados ao manejo produtivo da Paisagem como um todo. Será abordada assim a experiência coletiva de inserção de cultivos em desenho de *Corredores Agroecológicos* combinados à *Semeadura Direta* de Cerrado, no Assentamento Oziel Alves III, em Planaltina no Distrito Federal. Nos Corredores, o manejo incluiu, com especial centralidade, a produção coletiva de milho crioulo, variedade Taquaral, culminando com a realização da “Pamonhada de MiCria” (Milhos Crioulos Agroecológicos) na primeira celebração trimestral dos aniversariantes da associação agroecológica local, Aprospera, a fim de fomentar reflexão e planos de ação em torno da afirmação da soberania genética sobre os sistemas agroalimentares desenvolvidos com sistemas agroflorestais.

Contextualização da experiência

O Rio São Bartolomeu nomeia a maior Bacia Hidrográfica do Distrito Federal em extensão, sendo formado nas proximidades de Planaltina (DF) pela união dos Ribeirões Pípiripau e Mestre d’Armas, incluindo áreas sensíveis como a Estação Ecológica de Águas Emendadas, de significativa relevância de abrangência continental. É contributo original da Bacia Paraná/Paraguai que deságua entre Argentina e Uruguai, cortando boa parte do Território Nacional (ao mesmo tempo em que contribui para a Bacia Tocantins/Araguaia, por isso a acepção Emendadas).



Nesta região, nordeste do Distrito Federal, se localiza o Assentamento Oziel Alves III, no Núcleo Rural Pipiripau II, em antiga fazenda que sofreu décadas de exploração de monocultivos de grãos e eucalipto. Entretanto, os planejamentos e formações em torno de temas da Agroecologia que vislumbraram tanto a produção como a composição de Paisagem do Assentamento não contaram com condições objetivas para se materializar. Pesaram pressões em contrário, mais fortes na região, e os obstáculos à plena execução da Política de Reforma Agrária e das Políticas de apoio à Agricultura Familiar como um todo.

Neste contexto, a maior parte da Microbacia já foi alterada, tendo a vegetação original nas zonas rurais sido substituída, na maioria dos casos, por culturas anuais como soja, milho, cultivos de olerícolas (que seguem o itinerário químico-industrial convencional), algumas pastagens e produção de madeira de eucalipto. No encontro com áreas urbanas, próxima da “cidade-bairro” de Planaltina, a Microbacia apresenta avançado grau de degradação, entendida em termos de erosão genética e cultural. Considera-se reflexo desta erosão o desenvolvimento extremamente tímido do potencial econômico do agroextrativismo para a agricultura familiar, apesar da herança histórica e cultural, tanto produtiva como alimentar, presente no Território e entre os sujeitos que o compõem. Algumas iniciativas, porém, tem caminhado no sentido inverso da tendência geral, aproximando temáticas como as do manejo agroecológico, incremento da biodiversidade nativa e incentivo a novas oportunidades de geração de renda.

Neste sentido, o desenvolvimento de experiências diversas de produção tanto orgânica como agroecológica tem se destacado de modo articulado na região de Planaltina. Entre estas, se inclui o processo comunitário de adoção, transição e fortalecimento da Agroecologia (em suas múltiplas dimensões) em torno da Associação de Produtores Agroecológicos do Alto São Bartolomeu (Aprospera), cuja Sede e parte expressiva da sua base se localizam no Assentamento Oziel Alves III.

A referida Associação vem atuando na produção agroecológica por meio de organização social em mutirões, plantios agroalimentares, sistemas biodiversos e sistemas agroflorestais em diferentes níveis de complexidade e integração com os sistemas produtivos de geração de renda. O conjunto destas atividades vem proporcionando interessantes aspectos da recomposição da paisagem do território, havendo-se desdobrado na elaboração do Sistema aqui em tela. Destaca-se entre parte das famílias a (re)construção das relações de escoamento que envolvem as CSAs (Comunidades que Sustentam a Agricultura), que tem permitido atingir, em níveis variados, novos patamares na relação campo-cidade. Notam-se o envolvimento de “co-agricultores” (consumidores) em planejamentos, manejos e organização coletiva de logística e comunicação, em conjunto com as famílias agricultoras. Recentemente, a forma como se expandiu a ideia de CSA’s na região tem sido reconhecida como uma tecnologia social que apresenta alternativas para apoiar a produção local de alimentos orgânicos e agroecológicos, promovendo espaços de interação entre as pessoas na cidade e no campo. Considera-se que isto promove novos alcances e estímulos à adoção de técnicas inovadoras de manejo e produção.



A área Sede da Aprospira (2 hectares) faz parte de uma área coletiva maior do Assentamento (que ultrapassa os 30ha), composta por uma área pedregosa com um Cerrado remanescente e, na quase totalidade até a intervenção, pela predominância de capins exóticos (brachiária e andropogon), gerando frequente risco de fogo pelo “combustível” não manejado. Por meio da empresa Semeia Cerrado, especializada em trabalhos de restauração via sementeira direta, contratada via Programa Águas Brasil, coordenado pela OnG WWF e Fundação Banco do Brasil, foi realizada a sementeira da “muvuca mecanizada” de sementes de Cerrado para **recomposição de 20,18 hectares desta área.**

Pela natureza característica da Associação, de produtores agroecológicos, foi proposto o diálogo entre diferentes técnicas de plantio (sementeira direta, sistemas agroflorestais, enriquecimento e corredores agroecológicos), a fim de envolver a comunidade do Assentamento no processo de restauração e vislumbrar oportunidades produtivas e de geração de renda, bem como de novos conhecimentos. Ao esforço inicial de desenhar sistemas e manejos que incluam em seu planejamento produtivo, ao longo do tempo, a inserção de diversas espécies nativas do Cerrado, seja ligadas ao agroextrativismo, seja à coleta de sementes para usos diversos, entre eles, a própria demanda crescente por restauração via sementeira direta, em vez de plantio de mudas, foi dado o nome de SACI (sigla para Sistemas Agrobiodiversos Cerratenses Inclusivos).

Desenvolvimento da experiência

A sementeira direta é uma técnica comparativamente econômica, especialmente indicada para restaurar áreas degradadas mecanizáveis. Vale-se de grande quantidade de espécies e, sobretudo, grande volume de sementes nativas, a fim de promover condições para uma dinâmica de sucessão ecológica capaz de substituir a vegetação espontânea, exótica, que, em geral domina a área em desequilíbrio monocultural.

No contexto do mencionado Programa Águas Brasil, a empresa Semeia Cerrado realizou uma apresentação em um dos mutirões da Aprospira, em busca de novas áreas de interesse para a restauração via sementeira. Após algumas sequências de avaliações e delimitações internas (incluindo os requisitos de não utilização de insumos químicos, nem do fogo, e o interesse específico por espécies frutíferas), a comunidade aceitou a aplicação da técnica na referida área. Para tanto, foi realizado preparo de solo com gradeamento, enxada niveladora e roçada em pontos menos mecanizáveis dos 20ha, a fim de permitir o desenvolvimento da sucessão natural de espécies semeadas do Cerrado. Entre as inovações da técnica, se destaca a introdução de gramíneas nativas para rápida cobertura de solo como elementos de resiliência e criação de condições para o desenvolvimento das espécies arbustivas e arbóreas próprias do Cerrado – a fim de formar, neste caso, prioritariamente área coletiva de agroextrativismo e de coleta de sementes junto à recomposição de vegetação nativa. No início das chuvas, meados de novembro de 2018, a empresa responsável pelo projeto de restauração realizou em cerca de dois dias a sementeira



com calcareadeira adaptada, em técnica em vias de aperfeiçoamento para redução de custos e ganho de escala na recomposição de vegetação nativa.

As sementes de espécies nativas do Cerrado foram adquiridas pela empresa, em sua maioria, da jovem Associação Cerrado de Pé, que reúne cerca de 80 famílias coletoras de sementes na região da Chapada dos Veadeiros, totalizando 2,5 toneladas de sementes arbóreas, arbustos, subarbustos, gramíneas e ervas nativas.

Com a movuca mecanizada realizada, estimulou-se o afloramento do saber camponês com a participação direta de sujeitos da comunidade. Assim, um grupo de seis agricultores decidiu incluir o plantio de feijão-catador e de amendoim, adotando o desenho dos Corredores Agroecológicos para produção de milho. Para tanto, foi utilizado microtrator e sulcadeira, em linhas compostas de quatro variedades de leguminosas e gergelim-preto (com finalidade produtiva direta e indireta, para favorecer o controle natural de “pragas” do milho, tais como lagartas e formigas) e as sementes florestais de jatobá, tamboril, jenipapo, mutamba e mirindiba. Foi utilizada a variedade de milho crioulo Taquaral, tradicionalmente aplicada na produção de pamonha. Tal variedade foi fornecida a partir do apoio de um estudante de Agroecologia do Instituto Federal de Brasília, Gedivan Pereira, que acompanha o trabalho dos pesquisadores Cynthia e Altair Toledo Machado, da Embrapa Cerrados, voltado para o “Melhoramento Participativo Descentralizado” de Sementes articulado ao Movimento Camponês Popular.

Nos diferentes momentos desta experiência, foram envolvidos nos mutirões perfis variados das famílias agricultoras. Alguns jovens do assentamento se engajaram na execução da semeadura e, posteriormente, em outras oportunidades em torno do tema, promovendo coletas de sementes como alternativa de geração de renda, a partir de um curso que envolveu pessoas ao menos de mais 5 comunidades de assentamentos e acampamentos. Por fim, esta experiência tem recebido visitas de campo de estudantes e pesquisadores tanto da Universidade de Brasília, como do Instituto Federal de Brasília e do ICMBio, além de ter gerado gravação de reportagens em torno do tema, pela TV Justiça.

Desafios

Um dos desafios-chave para o salto de escala da Agroecologia é aliar, em uma mesma atividade, a produção agrícola e a reprodução de serviços (agro)ambientais. Na agricultura familiar agroecológica isto pode se manifestar na ampliação da cobertura vegetal com espécies nativas (pouco demandantes de recursos exógenos) aliada a estratégias diretas e geração de renda e à mensuração do incremento nas culturas de produção. Em sintonia com parceiros, programas e projetos articulados no território, a iniciativa buscou promover tanto a técnica de semeadura, como a coleta de sementes para comercialização através da aplicação prática de novos conhecimentos e técnicas, justamente como forma de permitir a experimentação de novos consórcios e desenhos. O desafio que segue é a realização de pesquisas e acompanhamentos que deem



conta de mensurar os efeitos destes novos arranjos de consórcios para as culturas de produção, neste caso, o milho. Para isto, foi realizada pelo Núcleo de Agroecologia da UnB uma atividade com a presença da Dra. Clara Nicholls e de professores e pesquisadores ligados ao Laboratório de Ecologia daquela instituição, em torno do interesse de promover pesquisas sobre o efeito de consórcios como estes no controle natural de pragas, ou atração de polinizadores.

Principais resultados alcançados

Foram e seguem sendo realizadas observações em campo e discussões a respeito da condução da restauração, bem como, o panejamento produtivo da área, envolvendo pesquisadores, docentes, estudantes, parceiros diversos e agricultores. O objetivo é, neste processo contínuo, permitir, além do manejo e geração de renda na área, extrair informações e observações que permita aos agricultores do território dispor de recursos técnicos e materiais para incrementar em suas roças, tanto agrobiodiversidade como renda. No experimento, foram colhidas 25 caixas de feijão-verde e comercializadas a maior parte na feira de Planaltina-DF. O feijão-catador na vagem foi vendido a preço de convencional, e debulhado em vendas diretas.

Em 27 de março de 2019, em dia de mutirão da Aprospira, entre cerca de 30 pessoas (associadas, crianças, jovens e parceiros) foi realizada a colheita do milho Taquaral verde para a “pamonhada crioula”. O milho colhido na área de restauração foi levado à Sede da Associação, onde foi descascado, limpo em mutirão e ralado, utilizando uma máquina que o agricultor Sr. Pedro Malaquias montou para esta finalidade.

No preparo das pamonhas crioulas, buscou-se ressaltar práticas culturais agregadoras, potencializando o envolvimento de agricultores e parceiros. A “Pamonhada de Mi Cria” sintetizou o fortalecimento comunitário através da produção e preparo de alimento de alto valor genético, oriunda de bem sucedido processo comunitário do campesinato goiano, cuja experiência se deseja trocar com mais agricultores do Território.

Disseminação da experiência

Realizou-se a colheita das sementes de milho crioulo Taquaral, para beneficiamento e planejamento do próximo plantio, juntamente ao planejamento e tabulação de dados com pesquisadores e extensionistas ligados ao Núcleo de Agroecologia da Universidade de Brasília, além de outras entidades parceiras, ligadas à Agroecologia no Distrito Federal e em outros territórios.

Estão sendo colhidos gergelim-preto e feijão de porco, aguardando-se para colher também amendoim e feijão-guandu. Em integração com o NEA/UnB estão sendo previstas atividades coletivas em manejos na área, a fim de consolidar a área como Unidade Demonstrativa e de experimentação produtiva, em processo de ampliação da Agrobiodiversidade.

XI CBA
Congresso
Brasileiro de
Agroecologia
Ecologia de Saberes:
Ciência, Cultura e Arte nos
Sistemas Agroalimentares



Inclui-se na proposta o desenvolvimento coletivo de ferramentas/máquinas e desenhos de manejo para ampliação de escala, planejamento da produção de biomassa, inclusão de novas sementes florestais e gramíneas nativas voltadas para geração de renda e usos diversos do agroextrativismo junto à coleta de sementes. A área tem recebido visitas de pesquisadores e grupos de estudantes de órgãos como o ICMBio, departamentos diversos da Universidade de Brasília, comunidades de assentamentos parceiros, tanto da Bacia do Pípiripau como do Descoberto, e estudantes de Agroecologia, do Instituto Federal de Brasília, desenvolvendo atividade de inventário florestal das áreas remanescentes do Cerrado que estão interligadas com o SACI.

Em articulação com a OnG Mutirão Agroflorestal, Programa Águas Brasil e a Rede de Sementes do Cerrado, foram realizados intercâmbios, oficinas culminando com a formação embrionária de grupo de coletores envolvendo pessoas do Território, do próprio assentamento e de outras comunidades.